



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ALGUMAS CATEGORIAS DO
PENSAMENTO FILOSÓFICO-EDUCACIONAL DE JOHN LOCKE**

**CONSIDERATIONS CONCERNING SOME CATEGORIES OF JOHN
LOCKE'S PHILOSOPHICAL-EDUCATIONAL THOUGHT**

Gustavo Araújo Batista - Doutor em Educação e professor nos Cursos de Letras (Língua e Literatura) e de Pedagogia (Filosofia e História da Educação) na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FACIHUS), mantida pela Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP), em Monte Carmelo, Minas Gerais.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

Este texto tem como propósito apresentar algumas das categorias do pensamento filosófico e educacional de John Locke (1632-1704), com o escopo de ensaiar um possível modo através do qual elas estariam relacionadas, porque seriam, em primeira instância, os elementos que articulam o seu pensamento, a fim de que, com isso, em última instância, tais categorias possam constituir-se em chaves para se pensar a importância de uma formação filosófica rigorosa, metódica e sistemática para o educador.

Palavras-chave: Educação, Filosofia, John Locke, Pedagogia.

ABSTRACT

This text has as purpose to show some of the categories of John Locke's (1632-1704) philosophical and educational thinking, in order to make an essay of a possible way through which they would be related, because they would be, in first instance, the elements that articulate his thought, in order to, with it, in last instance, those categories can constitute themselves to be the keys to one can think about the importance of the teacher's rigorous, methodical and systematical philosophical breeding.

Keywords: Education, Philosophy, John Locke, Pedagogy.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um ensaio que vise a elaborar uma abordagem de algumas das categorias pelas quais o filósofo inglês John Locke teria estruturado o seu pensamento filosófico e educacional torna imperativa a necessidade de explicitar de que maneira teria sido feita o desenvolvimento das mesmas, pois a compreensão da sua articulação (provavelmente feita, ainda que implicitamente, pelo próprio Locke), é de fundamental importância para se compreender melhor a forma e o conteúdo dos quais o filósofo ter-se-ia servido para dar consistência, coerência e coesão tanto à sua proposta filosófica quanto à sua proposta pedagógica.

Destarte, este texto encarregar-se-á de explicitar as categorias que, embora não sejam nomeadamente expostas pela própria pena de John Locke em quaisquer de suas obras, serviram-lhe, no entanto, de arcabouço para estruturar o seu pensamento filosófico e, conseqüentemente, o seu pensamento pedagógico.

UMA CATEGORIA BASILAR DO PENSAMENTO DE LOCKE A PARTIR DE SUAS PRINCIPAIS OBRAS: VISÃO DE MUNDO

Em primeira instância, cumpre explicitar a primeira categoria lockeana para se compreender melhor o seu pensamento educacional e pedagógico; trata-se da categoria *visão de mundo*. O conjunto da obra lockeana permite uma leitura que possibilite nela encontrar elementos de várias visões de mundo, o que já possibilitaria verificar que a visão de mundo que John Locke tem é, provavelmente, uma combinação de diferentes visões de mundo que possivelmente o influenciaram.

Para responder, pois, a questão sobre a visão de mundo sugerida por Locke, há que se verificar os seguintes fatores no conjunto de algumas de suas obras:

1º. Em se considerando o seu *Ensaio Sobre O Entendimento Humano (1690)*, Locke deixa transparecer uma visão de mundo de caráter empirista, mas com alguns



resquícos de caráter racionalista, uma vez que delega principalmente à experiência e, em segundo lugar, à razão, a tarefa de ser a fonte de produção do conhecimento sobre a realidade, postulando que ambas – experiência e razão – são as únicas vias para se ter acesso ao conhecimento; isso significa que, conforme Locke, aquilo que não se encontra nas dimensões empírica e/ou racional não pode ser, portanto, conhecimento, mas tão somente crença, fé ou opinião.

2º. Em se considerando os *Dois Tratados Sobre O Governo (1690)*, Locke deixa transparecer uma visão de mundo de cunho antiabsolutista, já que advoga que a defesa da propriedade individual (aqui se incluindo a vida, a liberdade e os bens materiais oriundos do trabalho ao qual cada um se dá para tal) deve ser a razão da existência de todo e qualquer Estado, o que não justifica que o Estado deva dispor de seus membros por outros motivos a não ser aqueles que, direta ou indiretamente, digam respeito à preservação das propriedades de seus membros. Dito de outro modo: para Locke, o Estado existe para o indivíduo e não vice-versa, uma vez que aquele nada mais seria do que uma instituição criada via contrato social por uma comunidade de indivíduos racionais que, em pleno gozo de sua liberdade e igualdade, consentem, implícita ou explicitamente, em aderir à sociedade política, tornando-se, pois, membros com direitos e deveres em relação a ela.

3º. Em se considerando as suas quatro *Cartas Sobre Tolerância (1689)*, percebe-se que, nelas, Locke propõe que o Estado não deve interferir em assuntos religiosos (a menos que se refira à sua preservação em geral e à de seus membros em particular), assim como à religião (ou, melhor dizendo, a Igreja, entendida por Locke como uma sociedade espontânea, ou seja, não-política, cujo intuito é a manifestação de alguma forma de culto público à Divindade) não deve interferir em assuntos estatais (a menos que isso diga respeito ao incentivo de seus adeptos no tocante à cooperação com o Estado); isso significa que Locke propõe uma separação entre Política e Religião, ou



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

entre Estado e Igreja, no sentido de que devem cooperar mutuamente, mas não se misturar ou confundir-se. Consequentemente, tais cartas sugerem uma visão de mundo na qual a dimensão do sagrado (isto é, a esfera religiosa) é tomada como algo que não deve imiscuir-se em certas questões profanas (quais sejam: os assuntos políticos).

4º. Em se considerando os seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação (1693)*, nota-se que em tal obra Locke defende que a educação deve considerar tanto o aspecto físico quanto o aspecto psíquico do ser humano, o que significa que deve propiciar o desenvolvimento integral do homem, ou seja, trata-se de uma perspectiva educacional de caráter antropocêntrico, pois Locke visa à formação do ser humano como um fim em si mesmo, uma vez que isso seria a meta final que a educação deveria atingir, o que leva a entender que a educação pretendida por Locke era uma educação leiga, isto é, não-teocêntrica, que fosse voltada para Deus e/ou para a Igreja, tal como tem sido a educação religiosa ao longo dos tempos, o que sugere uma visão de mundo um tanto quanto desvincilhada da hegemonia religiosa, mas não totalmente fora da religião, pois Locke prescreve na supracitada obra que o seu educando receba algumas noções elementares acerca de Deus, bem como sobre a maneira de relacionar-se com Ele.

A CATEGORIA *SER HUMANO* NO ÂMBITO DO PENSAMENTO LOCKEANO

Uma segunda categoria que se poderia mencionar no âmbito do pensamento educacional lockeano é esta: *o ser humano*. A concepção de homem delineada por Locke, de acordo com o que se pode inferir de uma leitura feita a partir de suas obras, é uma concepção que não se revela original, posto que se trata de algo já encontrado em outros autores que lhe precederam tanto no tempo quanto no espaço; destarte, a concepção lockeana do homem faz coro ao dualismo psicofísico tão presente na civilização ocidental, pois, ao conceber o ser humano como um ser composto de mente (espírito ou alma) e de corpo, ele o define realçando duas de suas dimensões



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

consideradas essenciais, a saber: a dimensão física e a dimensão psíquica, dimensões essas que serão os dois grandes enfoques da educação proposta por Locke; como um ser físico, o homem estaria vinculado ao mundo material, que é o conjunto das coisas perceptíveis através dos sentidos (os quais seriam, na visão de Locke, aqueles consagrados pela tradição aristotélica, quais sejam: visão, audição, olfato, gustação e tato); como um ser psíquico, o homem vincular-se-ia ao universo espiritual, conjunto das coisas perceptíveis através das faculdades mentais (imaginação, inteligência, memória, razão etc.).

A categoria família

Outra categoria relevante para se fazer um esboço do pensamento educacional lockeano é a categoria *família*. Alegando não ser ela uma sociedade política, resta ainda a Locke concebê-la como uma sociedade formada e mantida pelos laços consangüíneos entre os indivíduos. Embora Locke legitime o poder dos pais sobre os filhos, ao referir-se ao poder paterno ou materno no *Segundo Tratado*, este poder não alcança, tampouco legitima, o domínio dos pais sobre a vida e a liberdade individuais dos filhos. Desse modo, a família aqui é entendida como uma sociedade que poderia ser vista como uma sociedade pré-política, uma vez que se trata de um tipo de sociedade que se forma para garantir, em primeira instância, a sobrevivência da própria espécie humana, antes que o indivíduo tenha condições de exercer o seu próprio poder através do exercício da sua razão e ter, conseqüentemente, condições de fazer parte, no porvir, de uma sociedade política; todavia, a importância da família para Locke vai além disso, uma vez que pondera que é nela que se principia a educação do indivíduo, razão pela qual sua missão poderia ser sintetizada na seguinte expressão: criar, proteger e educar o ser humano.

A categoria grupo social



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A par das categorias *ser humano* e *família*, outra categoria relevante para uma leitura do pensamento lockeano é esta: *visão de grupo social*. A obra do filósofo como um todo permite inferir que o seu autor, pelo fato de estar como que no meio-termo entre os valores ingleses aristocráticos e burgueses do Século XVII, parece ter concepções cujas matrizes sejam, ora da nobreza, ora da burguesia, isto é, pelo fato de Locke ter tido em vida estreitos laços com indivíduos ligados tanto à nobreza quanto à burguesia, como, por exemplo, seu amigo e protetor pessoal *Sir Anthony Ashley Cooper* (1621-1683), Primeiro Conde de Shaftesbury, um aristocrata cujos ideais aproximavam-no da burguesia, o que torna plausível que Locke tivesse sido duplamente influenciado.

UMA PEQUENA SÍNTESE CATEGOREMÁTICA DO PENSAMENTO LOCKEANO E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Considerando-se as categorias até então abordadas, verifica-se que elas constituem elementos por intermédio dos quais Locke deixa transparecer os balizadores pelos quais teria orientado a elaboração da sua concepção de educação, porquanto a partir da categoria *visão de mundo* (antropocêntrica, empirista, antiabsolutista e laica), concebe a educação como uma categoria que consiste em uma atividade cujo centro gravitacional seja a pessoa humana, tendo como finalidade criar condições para que o seu desenvolvimento psicofísico atinja a sua plena perfeição, razão pela qual a proposta educacional consignada nos seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação* poderia ser resumida com a sua frase inicial: “Uma mente sadia em um corpo sadio é uma breve, porém completa descrição de um estado feliz neste mundo” (LOCKE, 2000, p. 4; tradução nossa). Ademais, cabendo à educação servir-se da experiência como campo de atuação, esta consiste em um terreno sobre o qual a educação deve estabelecer seus alicerces. Por conseguinte, a educação deve ser liberal, não no sentido de permitir ao



educando fazer tudo que quiser a seu bel-prazer, mas sim no sentido de o educador tratá-lo como um ser racional, o que faz dele, conseqüentemente, um ser livre, desde que aprenda a fazer uso de sua racionalidade. Do mesmo modo, a educação deve ser leiga, mas isso não significa que não se deva ignorar completamente a dimensão religiosa na educação; muito pelo contrário: deve-se ensinar o educando a ter uma concepção correta, isto é, racional, acerca da Divindade.

DIVISÕES E SUBDIVISÕES DA DIMENSÃO HUMANA SEGUNDO LOCKE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

A partir da sua categoria *ser humano*, Locke concebe a educação como uma atividade que consiste em zelar pela sua dupla dimensão psicofísica; isso significa que, em se considerando as dimensões psicofísicas do indivíduo, percebe-se que Locke subdivide-as da seguinte maneira:

A) A dimensão física subdivide-se em: a₁) *higiênica* (refere-se ao ensino de hábitos que propiciem uma boa saúde corporal, ou seja, o vigor físico, como o uso de roupas adequadas, o período de sono etc.); a₂) *alimentar* (refere-se ao ensino de hábitos que promovam uma adequada seleção e ingestão de alimentos); a₃) *desportiva* (refere-se à prática de esportes – natação e equitação, por exemplo – como forma de enrijecer e disciplinar o corpo); a₄) *manual* (refere-se ao ensino de uma habilidade ou de um ofício manual, como, por exemplos, a pintura ou o polimento).

B) A dimensão psíquica subdivide-se em: b₁) *comportamental* (refere-se ao ensino das boas maneiras para se comportar adequadamente de acordo com o contexto social); b₂) *intelectual* (refere-se ao ensino de disciplinas que estão relacionadas à formação intelectual do educando, tais como: leitura, escrita, ensino de línguas maternas, clássicas ou modernas, astronomia, aritmética, geografia, cronologia, história, filosofia natural); b₃) *cívica* (refere-se ao ensino das leis civis para que o educando tenha



consciência de sua pertença ao corpo político, na qualidade de cidadão com direitos e com deveres em relação ao Estado); b₄) *moral* (refere-se ao ensino das virtudes morais – autodomínio, coragem, prudência, sabedoria etc – uma vez que essas são as únicas vias para se fugir dos vícios morais – covardia, preguiça, rebeldia etc – e ter, conseqüentemente, um caráter moral elevado e digno de honra); b₅) *religiosa* (refere-se ao ensino da existência de um Ser Superior – Deus – e de tudo aquilo que está relacionado a Ele, como, por exemplo, o ensino da leitura e da interpretação da Bíblia, com seus respectivos preceitos, bem como orações; b₆) *lúdica* (refere-se à prática de atividades de entretenimento – como, por exemplo, correr e saltar ao ar livre – que também podem ser utilizadas tanto para cultivar o corpo quanto para formar intelectual e moralmente o indivíduo).

O MÉTODO EDUCACIONAL LOCKEANO A PARTIR DA ANÁLISE DE CATEGORIAS DE SEU PENSAMENTO

Considerando-se que Locke apresenta uma proposta educacional que procura contemplar a dupla dimensão psicofísica do ser humano, com suas respectivas subdivisões, nota-se que o método por ele proposto para concretizar a sua proposta é um método aqui denominado como empírico; trata-se de um método pautado na experiência, uma vez que insiste no fato de que a experiência é o elemento primordial para que o ensino faculte a aprendizagem, o que significa afirmar que, antes do preceptor propor ao seu pupilo regras puramente abstratas (como, por exemplo, as regras gramaticais ou as regras morais), deve preocupar-se em dar-lhe exemplos concretos de aplicação das mesmas (como, por exemplo, mostrar um texto escrito segundo as regras gramaticais ou uma ação de acordo com as regras morais), pois isso facilitaria muito mais a aprendizagem – além de torná-la muito mais eficiente – ao invés



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

de exigir simplesmente que o educando decore regras e mais regras, em abstrato, sem talvez saber mesmo quando, como, onde, por que e para que serão aplicadas.

A partir da categoria *família*, concebida por Locke, conforme afirmado anteriormente, como uma sociedade pré-política, uma vez que o ser humano começa a ter a partir dela suas primeiras noções de sociedade e de poder, noções tais que são imprescindíveis para todo aquele que é ou será membro de uma sociedade política qualquer no porvir, percebe-se que, dessa forma, a *família* é de extrema importância para uma leitura do pensamento de Locke, uma vez que é através dela que o filósofo igualmente defende a sua tese segundo a qual a educação privada (ou seja, a que se faz em âmbito familiar) é preferível à educação pública (ou seja, a que se faz em âmbito escolar). A família seria, pois, um ambiente mais propício para que a educação do indivíduo não venha a sofrer desvios em seu processo, alcançando, assim, a sua correta finalidade, que é a formação psicofísica do homem. Dito de outro modo: na família, o educando tem como ser mais bem observado e disciplinado, pois, além de ter o preceptor, o pupilo terá também os próprios pais ou responsáveis para auxiliá-lo em sua formação física e psíquica.

A partir de sua categoria *visão de grupo social*, a categoria *educação* encontra-se profundamente influenciada por ela, porque Locke, defendendo os valores da nobreza e da burguesia de sua época e de seu país, discorre única e exclusivamente sobre a educação pautada nos valores dos grupos sociais mais privilegiadas na Inglaterra do Século XVII. Assim sendo, em Locke inexistente uma proposta pedagógica para todos e quaisquer segmentos sociais, isto é, a proposta educacional lockeana tem caráter extremamente elitista, já que somente aos nobres e aos burgueses caberia uma educação mais apurada, ao passo que aos não-nobres e aos não-burgueses caberia uma educação voltada tão somente ao aprendizado de um ofício fabril ou manual, o que significa que,



ao se expressar dessa maneira, o filósofo acaba por excluir a maioria da sociedade do acesso à educação plena (psicofísica) por ele proposta.

AS CATEGORIAS GOLDMANNIANAS *CONSCIÊNCIA REAL* E *CONSCIÊNCIA POSSÍVEL* APLICADAS AO PENSAMENTO LOCKEANO

Visto que o pensamento educacional lockeano fundamenta-se em uma série de pressupostos, um outro fator muito importante para que se possa relê-lo é recorrendo-se a duas outras categorias, a saber: a *consciência real*¹ e a *consciência possível*².

¹ Esta expressão tomamo-la emprestada do filósofo Lucien Goldmann (1913-1970), que a define nos seguintes termos:

A consciência real resulta de múltiplos obstáculos e desvios que os diferentes fatores da realidade empírica opõem e infligem à realização dessa *consciência possível*. Assim como é essencial para compreender a realidade social não mergulhar e não confundir a ação do grupo social essencial, a classe, na infinita variedade e multiplicidade das ações de outros grupos e até dos fatores cósmicos, também é essencial separar a *consciência possível* *duma classe* de sua *consciência real* num certo momento da história, resultante das limitações e dos desvios que as ações dos outros grupos sociais assim como os fatores naturais e cósmicos infligem a essa consciência de classe (GOLDMANN, 2007, p. 51; grifos do autor).

² Assim como a categoria *consciência real*, esta é outra categoria emprestada de Goldmann, a qual, a partir de uma leitura feita deste, chegou a ser entendida como:

a categoria que expressa o modo como uma determinada classe social concebe a realidade, maximizando-a pela mediação do senso comum, do folclore, da filosofia, da ciência, da religião, da literatura e das demais artes, ou seja, recorrendo-se a todas e quaisquer modalidades de expressão criadas pela humanidade; tal maneira de encarar a realidade, apesar de ser coerente com a classe social no interior da qual fora forjada, corre o risco de ser apenas uma visão parcial da realidade, por ser uma visão de classe e



Tomando-se esta como instrumento conceitual para uma descrição da obra lockeana, tem-se que: em se considerando o *Ensaio Sobre O Entendimento Humano*, pode-se perceber que, nele, Locke é extremamente otimista em relação à experiência e à razão, pois acreditava que ambas seriam as armas mais poderosas das quais a humanidade poderia dispor para se libertar da ignorância e atingir, assim, o conhecimento; em se considerando os *Dois Tratados Sobre O Governo*, verifica-se neles que o seu autor era igualmente um entusiasta da liberdade humana, pois essa, ao lado da existência ou da vida, constituiria uma das propriedades fundamentais às quais todo e qualquer ser humano teria direito, o que significa que tratar de liberdade significa lidar com algo que naturalmente pertence ao ser humano, razão pela qual nada nem ninguém teriam o direito de tirá-la dele, desde que o mesmo faça o devido uso de sua faculdade de raciocinar, já que é isso o que lhe facultaria o pleno direito de ser livre; dito de outro modo: o ser humano é livre na medida em que é racional; em se considerando os *Alguns Pensamentos Sobre Educação*, pode-se perceber que neles Locke também se revela muito esperançoso em relação à educação, pois esta é, em última instância, o instrumento pelo qual o ser humano aprende a exercer a própria razão e, conseqüentemente, aprende a exercer a própria liberdade.

Todavia, cumpre também verificar que, sob a ótica da *consciência real*, uma outra face da obra de Locke vem à tona, posto que, apesar de todo o seu otimismo em relação à experiência, à razão, à liberdade e à educação, o filósofo também sabia que nem sempre seria possível atingir os ideais por ele concebidos e almejados, razão pela qual se faz necessário investigar as limitações que ele próprio teria visto em seu

não uma visão de toda a sociedade, o que faz com que venha a transformar-se em ideologia (BATISTA, 2008, p. 215-216).



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

pensamento. Desse modo, reconsiderando-se o *Ensaio Sobre O Entendimento Humano*, observa-se também que seu autor sabia que, embora a experiência e a razão fossem as molas-mestras do conhecimento humano, as mesmas eram limitadas às ideias, ou seja, pelo fato de a experiência e, conseqüentemente, a razão, só se ocuparem das ideias produzidas pela mente a partir da sensação, da reflexão ou de ambas, o conhecimento ficaria, portanto, restrito a essas mesmas ideias, o que significa que só se tem conhecimento na medida em que se tem ideia, pois, conforme já foi anteriormente citado, o conhecimento é, para John Locke “a percepção da conexão e acordo, ou desacordo ou rejeição, de quaisquer de nossas idéias. Apenas nisto ele consiste”.(LOCKE, 1997, p. 211 – grifos do autor); reconsiderando-se os *Dois Tratados Sobre O Governo*, observa-se que Locke sabia que, mesmo sendo a liberdade uma propriedade natural e inalienável do ser humano, a mesma poderia ser limitada tanto individual ou internamente quanto coletiva ou externamente, haja vista que, o indivíduo, não usufruindo corretamente da sua faculdade racional, tornar-se-ia escravo das próprias paixões ou inclinações, assim como um regime político despótico ou tirânico poderia cercear, limitar ou até mesmo impedir as pessoas de serem devidamente livres; reconsiderando-se os *Alguns Pensamentos Sobre Educação*, percebe-se que, apesar do extremo otimismo em relação ao poder da educação³, poder tal que é capaz de contribuir positivamente para o desenvolvimento do exercício da razão e da liberdade no ser humano, também poderia, por outro lado, contribuir negativamente para isso, uma vez que Locke, ao observar a educação de seu tempo, percebia que a mesma ainda estava profundamente impregnada da concepção escolástica, a qual priorizava apenas a educação intelectual e moral (negligenciando a importância da educação física),

³ O que se confirma com a seguinte declaração de Locke: “Eu posso dizer que, de todos os homens com os quais nós nos encontramos, nove entre dez são o que são, bons ou maus, úteis ou não, devido à sua educação. Isso é o que faz a grande diferença na humanidade” (LOCKE, 2000, p. 10; tradução nossa).



denunciando que tal tipo de formação limitava-se somente ao estudo do que já havia sido investigado pela filosofia aristotélico-tomista, capacitando os indivíduos apenas para discussões acadêmicas estéreis e inúteis e, portanto, inábeis em se tratando do conhecimento do mundo dos fatos reais ou concretos.

AS FINALIDADES DAS OBRAS LOCKEANAS

Ainda seria de bom alvitre fazer uma abordagem sobre os intuitos que também podem ser auferidos das três obras de Locke aqui mencionadas, com o propósito de acrescentar novos elementos à leitura aqui feita a partir delas. Outrossim, faz-se imperativo explicitar o alvo almejado por ele através da sua obra em geral, na qual o seu pensamento se encontra consignado.

Em se tratando de considerar a finalidade específica do *Ensaio Sobre O Entendimento Humano*, tem-se a dizer que o mesmo é uma obra cujo objetivo é tratar da problemática do conhecimento adotando-se uma perspectiva empirista em relação ao mesmo. Verifica-se que tal obra nada mais é, em linhas gerais, do que uma defesa da origem do conhecimento a partir da experiência, o que significa que, ainda que a razão (considerada uma das principais faculdades mentais humanas) também ocupe lugar muito importante na teoria lockeana do conhecimento, a mesma só tem condições de operar a partir dos dados sensoriais e reflexivos, oriundos das experiências externa (sensação) e interna (reflexão). Isso significa que, conforme essa teoria, a mente não tem, tal como postula o racionalismo (sobretudo o cartesianismo), ideias inatas, que facultem à razão operar com elas independentemente da experiência, embora Locke admita a existência de faculdades inatas na mente (como, por exemplo, a razão e a memória), que se desenvolvem apenas através do seu exercício, ou seja, o qual se reduz à prática da experiência. Assim, o *Ensaio Sobre O Entendimento Humano* tem uma



dupla finalidade: por um lado, defender o empirismo e, por outro lado, combater o inatismo ou racionalismo.

Em se tratando de considerar a finalidade específica dos *Dois Tratados Sobre O Governo*, o seu objetivo é tratar de filosofia política, ou seja, essa obra tem como intuito apresentar uma teoria social e política que se ocupe de investigar as verdadeiras condições pelas quais os seres humanos formaram, através do pacto social, a sociedade política e, por extensão, tudo aquilo que dela decorre, a fim de preservar todas e quaisquer propriedades (inatas ou adquiridas) que cada um de seus membros possui. Isso significa que tais tratados discorrem sobre as legítimas razões pelas quais os seres humanos instituíram a sociedade política, razões essas que consistem na preservação de toda e qualquer propriedade de cada um dos membros do corpo político, razões tais que não podem ser perdidas de vista sob qualquer hipótese, uma vez que a sua perda tornaria ilegítimo o Estado. Assim, os *Dois Tratados Sobre O Governo* consignam uma apologia à primazia da garantia das propriedades individuais por parte do Estado, o que significa que John Locke defende a tese de que o Estado existe para o indivíduo (isto é, para proteger o seu membro) e não o indivíduo para o Estado.

Em se tratando de considerar a finalidade específica dos *Alguns Pensamentos Sobre Educação*, tem-se a dizer que os mesmos constituem uma obra cujo escopo é oferecer sugestões bem práticas para que se possa educar de forma mais consistente e eficiente o cavalheiro ou o gentil-homem (**gentleman**), seja ele de origem nobiliárquica ou burguesa. Desse modo, a proposta pedagógica lockeana não consiste, em primeira instância, em uma teoria educativa ou pedagógica propriamente dita, uma vez que se limita menos a expor os princípios gerais pelos quais se deve educar o ser humano e mais em apresentar, em última instância, os resultados aos quais o próprio autor, em virtude de sua experiência pessoal como preceptor, havia chegado, já que teve a oportunidade de educar os filhos de alguns de seus amigos. Ou seja, os *Alguns*



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Pensamentos Sobre Educação não seriam, a rigor, um tratado sobre a educação, fato esse que o próprio John Locke reconhece. Ademais, tal obra constitui um registro da observação feita por seu autor a partir de sua própria vivência como docente, a qual se limita ao campo na educação individual (apesar de Locke ter exercido, durante sua passagem pelo Christ Church de Oxford, funções de docência acadêmica). A seguinte citação, que é a última seção da obra supracitada (Seção 217), pode abrilhantar ainda mais tudo o que se tem discorrido ao longo deste parágrafo:

Embora eu agora tenha chegado a uma conclusão sobre as considerações óbvias que se me sugeriram acerca da educação, eu não pensei que isso fosse considerado como um justo tratado sobre esse assunto. Existem milhares de outras coisas que merecem consideração; especialmente se forem considerados os vários temperamentos, as diferentes inclinações e os defeitos particulares que são encontrados nas crianças e, assim, prescrever os remédios adequados para os mesmos. A variedade é tão grande que requereria um volume; mesmo assim, não seria suficiente. Cada mente de um ser humano tem alguma particularidade, assim como sua face, que o distingue de todos os outros; e existem escassas possibilidades de que duas crianças possam ser conduzidas exatamente pelo mesmo método. Além disso, eu penso que um príncipe, um nobre, e um filho de um simples cavaleiro deveriam ter diferentes maneiras de educação. Mas, tendo-se aqui somente algumas visões gerais referentes ao principal fim e objetivos em educação, e aqueles desejados para o filho de um cavaleiro que, sendo então muito pequeno, eu o considerarei apenas como uma folha branca, ou



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

cera, a ser moldada e formada como se desejar; eu alcancei pouco mais que aqueles tópicos que eu julguei necessários para a educação de um jovem cavalheiro sobre a sua condição em geral; e agora publiquei estes meus ocasionais pensamentos com tal esperança que, longe de ser um tratado completo sobre este assunto, ou tal que cada um possa encontrar aquilo no qual ajustará o seu filho, ainda que isso possa dar alguma pequena luz àqueles cuja preocupação pelos seus queridos pequeninos faz deles tão irregularmente ousados que eles se atrevem a aventurar-se a consultar sua própria razão na educação de suas crianças, ao invés de confiar totalmente no antigo costume (LOCKE, 2000, p. 7; tradução nossa).

Essa última seção pode muito propriamente ser considerada um resumo de toda a obra em virtude do fato de que nela Locke faz uma síntese de todo o percurso adotado por ele na confecção dessa sua abordagem em torno de questões educacionais. Mesmo estando consciente da necessidade de uma obra que se aprofundasse ainda mais na problemática pedagógica, uma vez que, assim como há diversos tipos de pessoas, haverá também diversos tipos de educação a serem adequadas ao caráter ou ao temperamento delas, em contrapartida, Locke acredita já ter em mente, pelo menos, um duplo princípio, norteador para a educação, o qual julga muito mais seguro e eficaz para se empreender do melhor modo possível a tarefa educativa. Tal princípio duplo não é outro a não ser a experiência e a razão, capazes de fazer com que o educador possa moldar o educando do mesmo modo como se molda uma folha de papel em branco ou um pedaço de cera, dando-lhes a forma que se desejar.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A TRADIÇÃO PEDAGÓGICA A QUE LOCKE VINCULAR-SE-IA

Considerando-se as categorias até então abordadas, nota-se que as mesmas revelam, em primeira instância, que Locke vincula-se a uma tradição pedagógica que se funda, principalmente, em uma concepção antropocêntrica, ou seja, trata-se de uma tradição pedagógica que tem o ser humano como o seu centro gravitacional, em torno do qual giram todas e quaisquer atividades pedagógicas. Isso significa que, sob o prisma de tal tradição pedagógica, o ser humano é, simultaneamente, o princípio e o fim de toda e qualquer atividade educativa, uma vez que o mesmo é a razão da existência da educação. Ademais, seria ainda conveniente afirmar que a tradição pedagógica à qual pertence Locke é também uma tradição que confere extrema importância à experiência, pelo fato de priorizar a dimensão empírica do conhecimento, tal como o atesta em seu *Ensaio Sobre O Entendimento Humano*. Esse mesmo autor transfere essa prioridade da dimensão empírica para a educação, tal como o atesta em seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação*, revelando, assim, que, por ser a experiência o alicerce tanto do conhecimento quanto da educação, poder-se-ia afirmar que a tradição pedagógica à qual John Locke encontra-se vinculado é também uma tradição pedagógica empirista.

Entretanto, afirmar que a tradição pedagógica na qual John Locke se encontra inserido é apenas uma tradição pedagógica antropocêntrica e empirista seria pensar, de forma um tanto quanto superficial, a respeito de outros ingredientes contidos em seu pensamento filosófico-educacional, pois o mesmo encerra ainda outros elementos que permitiriam afirmar que a tradição pedagógica à qual Locke está vinculado não é somente antropocêntrica e empirista, mas também contratualista ou antiabsolutista, uma vez que, à luz de seus *Dois Tratados Sobre O Governo*, nota-se a defesa (ainda que de forma implícita) de uma educação que proporcione ao indivíduo o exercício pleno de sua liberdade através do desenvolvimento da sua faculdade de raciocinar, uma vez que o ser humano é livre na medida em que é racional.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Conforme o quadro que ora se esboça no tocante à qual tradição pedagógica John Locke se encontraria vinculado, verifica-se que, além de ser uma tradição pedagógica de caracteres antropocêntricos, empiristas e contratualistas, também se nota que se trata de uma tradição pedagógica de caráter laico; a razão de tal alegação repousa no fato de que a educação pretendida por Locke, embora apresente resquícios de religiosidade judaico-cristã, é uma educação que não se direciona ao ensino e à aprendizagem de uma determinada religião ou seita em particular, o que significa que não se trata de defender uma educação religiosa nos moldes eclesiásticos, mas sim uma educação que apresente uma concepção a respeito da existência de Deus e da religião da maneira mais simples possível, afastando-se, pois, das concepções de cunho eclesiástico vigentes em sua época.

LOCKE E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Uma vez que o trabalho de pesquisa aqui registrado também procura demonstrar em que medida o pensamento proposto por Locke pode servir para se pensar a formação do professor, há que se explicitar o modo pelo qual tal pensamento apresenta o modelo de professor (preceptor) que julga necessário existir para atender as exigências de tal educação. Nas seções oitenta e nove e noventa e três dos *Alguns Pensamentos Sobre Educação*, pode-se encontrar, de maneira sucinta, um esboço da concepção lockeana do preceptor. Ei-las:

Do mesmo modo que o exemplo do pai deve ensinar o filho a respeitar seu preceptor, do mesmo modo o exemplo deste deve estimular o menino às ações cujo hábito pretende inculcar-lhe. Sua conduta não deve desmentir jamais seus preceitos, a menos que queira pervertê-lo. Não servirá de nada que o preceptor lhe fale da necessidade de reprimir as paixões, se ele mesmo se abandona a alguma delas; e em vão procurará reformar um vício ou uma inconveniência de seu discípulo, se ele o



permite a si mesmo. Os maus exemplos se seguem mais seguramente que as boas máximas. O preceptor deve, pois, proteger com cuidado seu aluno contra a influência dos maus exemplos [...]

[...] Para formar um jovem cavalheiro como se deve, é necessário que o preceptor seja um homem bem educado; que conheça os modos de conduta e as maneiras de civilidade em todos os tipos de pessoas, tempos e lugares; que mantenha o seu discípulo, assim que a idade o requeira, observar isso constantemente. Esta é uma arte que não se pode aprender nem ensinar através dos livros. Nada pode proporcionar-lhe senão as boas companhias e a sua observação ao mesmo tempo. [...] a ciência [...] se não lhe for bem proporcionada, far-lhe-á mais impertinente e intolerável no trato. A educação é aquilo que dá brilho às outras qualidades e faz com que elas lhe sejam úteis, proporcionando-lhe a estima e benevolência daqueles que o rodeiam. Sem a boa educação, todas as demais qualidades não conseguem senão fazê-lo passar por um homem orgulhoso, pedante, vão e tolo (LOCKE, 2000, p. 89; tradução nossa).

De acordo com as supracitadas seções, verifica-se que nelas o preceptor é concebido mais como um ser humano de moral do que como um ser humano de ciência, uma vez que, para Locke, a educação moral tem primazia sobre a educação intelectual; isso não significa, certamente, que o preceptor não precise oferecer ao seu discípulo a educação intelectual; muito ao contrário: deve oferecê-la, mas associada à educação moral, que é a mais elevada (e também a mais trabalhosa, posto que tem como objetivo o ensino da virtude). Desse modo, o preceptor deve ser muito mais um ser humano de exemplos do que de discursos, isto é, o preceptor deve estar muito mais preocupado em educar através das suas atitudes do que através de seus palavreados, pois, em se tratando do processo educativo, os exemplos são bem mais consistentes e eficientes do que as palavras.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

O TEMPERAMENTO E A EDUCAÇÃO SEGUNDO LOCKE

Uma vez esboçando a sua concepção de preceptor, Locke parte para a consideração sobre uma outra categoria de seu pensamento educacional; trata-se do *temperamento*. Devido à sua experiência como preceptor, Locke pôde averiguar que os educandos possuem diversos tipos de temperamento, razão pela qual é preciso que o educador tenha isso em mente a fim de que a sua tarefa educativa seja levada a bom termo. É possível inferir em seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação* que o temperamento está aí definido implicitamente como o conjunto das tendências que o indivíduo tem, desde o seu nascimento, para se comportar de determinada maneira; isso significa que, para John Locke, o indivíduo é predisposto, naturalmente, a comportar-se desta ou daquela forma; porém, isso não significa que o temperamento não possa ser moldado, uma vez que Locke estabelece que, através da educação, consegue-se modificar o temperamento do indivíduo imprimindo-lhe hábitos. Destarte, a necessidade de conhecer-se o temperamento do indivíduo decorre do fato de que, para o educador exercer a sua tarefa eficazmente, deve conhecer, igualmente, o temperamento do educando, pois isso lhe proporcionará quais os hábitos a serem selecionados para serem impressos nele, hábitos esses que devem ter como objetivo máximo fazer com que o mesmo exerça o seu papel de ser racional; afinal, a educação não deve ser, para Locke, outra atividade a não ser aquela que possibilite a construção do uso da razão por parte do indivíduo. Eis o que escreve John Locke na seção cento e uma de seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação*:

Começai, portanto, desde muito cedo a observar o temperamento de vosso filho; e isso quando ele estiver mais abandonado a si mesmo em seus jogos e quando se julgar longe de vossa vista. Indagai quais são suas paixões dominantes, seus gostos favoritos; se for feroz ou doce, atrevido ou tímido, compassivo ou cruel, aberto ou



reservado etc. Com efeito, segundo aquilo que difiram suas inclinações, deverão diferir também vossos métodos e vossa autoridade deve, de certa maneira, ajustar-se a tais inclinações para influir de diferentes maneiras em sua mente. Não se trata de proceder segundo regras fixas com tais tendências relativas, com tais disposições predominantes, nem atacá-las de frente, principalmente as que são mais doces ou moderadas e que derivam do temor, de uma espécie de debilidade da mente. Podem, pois, ser corrigidas através da arte e direcionadas para bons propósitos. Porém, façais o que façais, tende a segurança de que a mente inclinar-se-á sempre para o lado que a natureza primeiramente dispôs; e, se observais atentamente o caráter do menino em suas primeiras ações na vida, podereis logo adivinhar para quais lados se inclinam seus pensamentos, quais são seus pontos de vista, inclusive mais tarde, depois que já se tiver tornado um homem, ocultar os seus desígnios e empregar os vários meios para consegui-los (LOCKE, 2000, p. 49; tradução nossa).

DEUS E A EDUCAÇÃO SEGUNDO LOCKE

Pelo fato de John Locke não se esquivar da tarefa de educar o indivíduo também segundo critérios religiosos, uma vez que concebe a Divindade como o fundamento daquilo que é mais caro ao seu pensamento educacional (ou seja, a virtude), percebe-se que a crença em Deus é introduzida em seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação* como um ingrediente que deve ser utilizado para que o educando possa ter o exemplo supremo e absoluto da virtude; isso significa que Locke preconiza que deve ser ensinada ao pupilo a crença em Deus que leve em consideração, sobretudo, a Sua correta concepção; crença essa que não leve ao ateísmo, ao proselitismo, ao fanatismo, ao irracionalismo e à superstição, mas sim uma fé sadia, lúcida e racional, que faça com que o indivíduo conceba Deus como o ser virtuoso por excelência. Além disso, Locke também procura fazer com que se evite ensinar ao indivíduo coisas desnecessárias a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

respeito de Deus, como, por exemplo, lucubrações a respeito de Sua Essência e de Seu Ser, uma vez que isso, assim se pode inferir, é tarefa relegada aos teólogos e a educação por ele proposta não tem como objetivo formar um teólogo profissional, mas sim um jovem cavalheiro que acredite em Deus, reconhecendo-Lhe a providência, tributando-Lhe amor, respeito e gratidão e, principalmente, tendo-O como paradigma incontestado da virtude. Eis como Locke se expressa na seção cento e trinta e seis:

Como seu fundamento [ou seja, como fundamento da virtude], é mister, desde muito cedo, imprimir na mente do menino uma noção verdadeira de Deus, apresentando-lhe como o Ser Independente e Supremo, Autor e Criador de todas as coisas, de quem recebemos o nosso bem, Aquele que nos ama e que nos dá todas as coisas. E, por conseguinte, inspirareis ao menino o amor e o respeito ao Ser Supremo. Isto bastará para começar sem que seja necessário dar-lhe a este propósito explicações mais amplas. É terrível, com efeito, se lhe falamos demasiado cedo a respeito das existências espirituais, e se nos esforçamos fora de propósito em fazer-lhe compreender a incompreensível natureza do Ser Infinito, que enchamos a sua mente de ideias falsas ou lhe perturbemos com noções ininteligíveis. Contentemo-nos em ter ocasião de dizer-lhe que Deus fez e governa tudo aquilo que existe, que Ele ouve e vê tudo, e que enche de toda espécie de bens aqueles que O amam e Lhe obedecem. Uma vez que tendes ensinado o vosso filho a conceber de Deus esta ideia, vê-lo-eis formar por si mesmo bem rápido outras ideias sobre Sua natureza. Se essas ideias encerram alguns erros, apressai-vos em retificá-los. E eu penso que valeria muito mais, em geral, que os homens se detivessem nesta noção de Deus, sem serem demasiado curiosos para perscrutar suas ideias a respeito da natureza de um Ser cuja natureza incompreensível todos devem reconhecer. Porém, há muitas pessoas que, não tendo bastante força para distinguir o que podem e o que não podem conhecer, lançam-se à superstição ou ao ateísmo, tão rápido fazendo Deus à sua imagem, tão rápido (por não poder formar uma



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

ideia d'Ele) não o admitindo em absoluto. Estou disposto a crer que se habituem os meninos a realizar regularmente, pela manhã e à tarde, atos de devoção a Deus, como seu Criador, Preservador e Benfeitor, através de uma oração de forma curta e simples, apropriada à sua idade e à sua inteligência, o que será muito mais útil para eles em religião, conhecimento e virtude do que distrair seus pensamentos com curiosas investigações sobre sua inescrutável essência e ser (LOCKE, 2000, p. 67; tradução nossa).

A PRUDÊNCIA E A EDUCAÇÃO DE ACORDO COM LOCKE

Estabelecendo, pois, a importância de ensinar ao educando a crença em Deus, por ser esta o princípio da virtude, Locke passa a considerar, de modo particular, aquela virtude que, segundo ele, é extremamente imprescindível à educação do jovem cavalheiro, razão pela qual ela é especialmente abordada na seção cento e quarenta dos *Alguns Pensamentos Sobre Educação*. Trata-se, assim, de uma outra categoria de seu pensamento educacional: a *prudência*. Locke não tem uma definição especial a respeito da prudência; isso tanto é verdade que ele a toma da mesma forma como era entendida popularmente em sua época; em contrapartida, isso não desqualifica o seu pensamento, uma vez que o mesmo postula que o ensino da prudência, desde a mais tenra idade, cria condições para afastar o educando de vícios, tais como a astúcia (considerada por Locke como uma debilidade da inteligência), a hipocrisia e a mesquinhez, fazendo, pois, com que esse mesmo indivíduo seja uma pessoa íntegra, veraz e nobre, resumindo, uma pessoa de moral ilibada, pois tais atributos são convenientes a um cavalheiro. Além disso, Locke também defende que o ensino da prudência também cria condições para que o indivíduo seja bem aceito na sociedade na qual está inserido e da qual faz parte:

Chamo prudência, em seu sentido popular, à qualidade de um homem que conduz no mundo seus assuntos com habilidade e previsão. Isto é efeito de um bom



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

temperamento natural, da aplicação da mente e, sobretudo, da experiência; está, pois, fora do alcance das crianças. Desde tal ponto de vista, o melhor que se pode fazer é impedi-los de usar a astúcia. A astúcia, com efeito, ainda quando imite a prudência, está tão distante dela quanto possível; como o macaco, que se parece com o homem, mas privado do que faria dele realmente um homem, serve-lhe somente como um modelo mais feio. A astúcia não é senão uma insuficiência de inteligência; não podendo alcançar seu fim pelo caminho certo, aspira a alcançá-lo pela hipocrisia e por uma dissimulação; e o pior é que tais artifícios não servem mais do que uma vez; não podem senão prejudicar se se lhes acorrer novamente. Nunca se fez uma envoltura fina o bastante para que se pudesse cobrir-se a si mesma, nada é bastante sagaz para dissimular o que é; e uma vez que é reconhecido como tal, todos o olham e desconfiam dele. O mundo inteiro une-se com entusiasmo para combatê-lo e descobri-lo, ao passo que o homem franco, honrado e prudente não encontra senão pessoas dispostas a caminhar com ele, e vai direto ao seu fim. Habituar a um menino a ter noções exatas sobre estas coisas, e a não se dar por satisfeito enquanto não as tiver; educar sua mente nos pensamentos grandes e nobres; pô-lo em guarda contra a falsidade e contra a astúcia, que vai sempre mesclada de alguns graus de falsidade, tal é a melhor preparação para a prudência. O resto, que se aprende com o tempo, pela experiência, pela observação, pela companhia dos homens, pelo conhecimento de seus temperamentos e de seus desígnios, não se pode esperar da ignorância e do aturdimento dos meninos, nem do calor irreflexivo e feroso dos jovens. Tudo aquilo que se pode fazer antes da maturidade, desde o ponto de vista desta virtude, é acostumar os meninos a ser francos e sinceros, a submeter-se à razão e a refletir sobre suas próprias ações (LOCKE, 2000, p. 69; tradução nossa).

AS BOAS MANEIRAS OU A CIVILIDADE NA EDUCAÇÃO LOCKEANA



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Uma vez discorrendo sobre o fato de a prudência ser indispensável à educação do jovem cavalheiro, Locke passa tecer uma abordagem a respeito de uma outra categoria de seu pensamento educacional; trata-se das *boas maneiras* ou *civilidade*. De acordo com o testemunho de Luzuriaga: “Locke dá muita importância, e com razão, às boas maneiras, hoje tão pouco consideradas na educação. Como tal entende não apenas a urbanidade, mas em geral a conduta social inteira, a conversação, a atenção aos outros, a tolerância, etc.” (LUZURIAGA, 1972, p. 146); isso significa que Locke concebe as boas maneiras como um conjunto de comportamentos que o educando tem de aprender para externar perante a sociedade tudo aquilo que tem aprendido em seu processo educacional, ou seja, as boas maneiras constituem a manifestação mais imediata do tipo de educação que o jovem cavalheiro recebeu, constituindo-se, desse modo, em elemento primordial para fazer com que o educando seja bem integrado socialmente, relacionando-se bem com os demais indivíduos. Locke oferece uma concepção de caráter mais negativo a respeito da civilidade, isto é, ele não discorre muito a respeito do que é a civilidade, mas insiste muito em demonstrar o que não é a civilidade.

Distinguirei quatro defeitos que são os mais diretamente contrários à civilidade, que é a primeira e a mais atrativa de todas as virtudes sociais. De um destes quatro defeitos deriva-se ordinariamente a incivilidade. Eu os exporei aqui a fim de que os meninos sejam preservados, ou ao menos libertados de sua má influência:

1. O primeiro é uma rudeza natural que faz um homem sem complacência para com os demais homens, prescindindo de suas inclinações, de seus temperamentos ou de sua condição.
[...]
2. Um segundo defeito é o menosprezo, a falta de respeito que se descobre em seus olhares, em suas conversações ou em



seus gestos e que, de qualquer parte que proceda, sempre é desagradável. [...]

3. O espírito crítico, a disposição de encontrar falhas nas demais pessoas, está em oposição direta à civilidade. [...]
4. O desejo de disputar é também um defeito contrário à civilidade, não somente porque freqüentemente produz inconvenientes e provocações através de expressões e de condutas, mas porque isso é uma acusação tácita e uma reprovação de algum tipo de incivilidade percebida naqueles com os quais estamos irritados. [...]

[...] Há outra falta contra as boas maneiras, que é a de ser demasiado cerimonioso e obstinado em impor a certas pessoas homenagens que não lhes são devidas e que não podem aceitar sem loucura ou vergonha (LOCKE, 2000, p. 70-72; tradução nossa).

O LUGAR OCUPADO PELA INSTRUÇÃO NA PROPOSTA EDUCACIONAL LOCKEANA

Ao dar por encerradas suas considerações a respeito das boas maneiras ou da civilidade, Locke passa a tecer suas abordagens sobre aquela categoria de seu pensamento educacional que deixa para considerar nas partes finais de seus *Alguns Pensamentos Sobre Educação*; trata-se da *instrução*. Embora fosse um homem extremamente dado à erudição, Locke concebe que a instrução é aquilo que deve vir por último em se tratando de educar o jovem cavalheiro, uma vez que pressupõe uma formação moral, sem a qual o seu significado e o seu valor perder-se-iam; desse modo, a instrução não é a única nem a mais importante parte da educação, uma vez que consiste somente na transmissão de um ou de vários conjuntos de saberes, cujo intuito restringe-se à formação intelectual do indivíduo, formação essa que tem significado e



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

valor apenas se vier precedida de uma formação moral fundada sobre os inabaláveis alicerces da experiência e da razão. Nas seções cento e quarenta e sete e cento e quarenta e oito, Locke tece o seu discurso apologético em relação à primazia da formação moral (cujo escopo é a virtude) em relação à formação intelectual (cujo escopo é a instrução):

Vós vos admireis, talvez, que eu trate da instrução em último lugar, sobretudo se eu vos digo que é a que trato com menor extensão. Isto pode parecer estranho na boca de um homem de estudo; e o paradoxo faz-se maior pelo fato de que a instrução é ordinariamente o assunto principal, quando não o único, que se tem em conta quando se fala de educação. Quando considero que esforço se consagra a um pouco de latim e de grego, quantos anos se empregam em tal trabalho, quanto barulho se faz e quanta atividade se emprega para um resultado nulo, não posso deixar de pensar que os próprios pais vivem ainda sob o temor da vara do mestre-escola e que o látego continua sendo a seus olhos o único instrumento da educação, cujo único objetivo seria a aquisição de uma ou duas línguas. [...]

A leitura, a escrita, a instrução, tudo isso eu acredito necessário; porém, não creio que seja a parte principal da educação. Imagino que tomaríeis por louco alguém que não estimasse infinitamente mais a um homem virtuoso e prudente do que um grande homem de escola. Não é que, a meu entender, não seja a instrução um grande socorro para as mentes bem dispostas para fazê-las discretas e virtuosas; porém, a meu juízo, é preciso reconhecer também que nas mentes cuja disposição seja pior, não serve senão para fazê-las mais débeis ou piores. Digo isso porque quando chegar o dia em que, preocupados com a educação de vosso filho, busqueis um mestre-escola ou um preceptor, não penseis somente, como é costume, em latim e em lógica. A instrução é necessária; porém, não se deve colocar senão em segundo lugar, como um meio de adquirir qualidades mais elevadas. Buscai, pois, alguém que saiba formar discretamente



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

as maneiras de seu discípulo; ponde, pois, vosso filho em tais mãos para que possais, na medida do possível, garantir sua inocência, desenvolver e alimentar suas boas inclinações, corrigir docemente e curar os males e fazer-lhe adquirir bons hábitos. Este é o ponto importante. Uma vez que se tenha conseguido, a instrução pode ser adquirida em troca e, a meu juízo, por métodos fáceis de serem pensados (LOCKE, 2000, p. 74; tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dando-se por encerrado o ensaio aqui feito, cujo intuito consistiu em elaborar uma abordagem sumária sobre algumas das categorias do pensamento educacional lockeano, acredita-se ter feito, com isso, um esboço que permita vislumbrar uma possível estruturação dos principais conceitos dos quais o filósofo inglês ter-se-ia servido, implícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, para construir a sua filosofia em geral e a sua pedagogia em particular, estruturação essa que espera contribuir para que se possa ter à disposição alguns elementos conceituais adicionais que permitam refletir de forma mais clara e precisa sobre a problemática educacional ou pedagógica atual e, especificamente, ponderar acerca formação do professor, que é um dos agentes fundamentais do processo de ensino e aprendizagem, posto que é a ele que cabe, sobretudo, acercar-se das exigências e dos desafios existentes em relação ao tipo de educação que se pretende praticar para se realizar os objetivos pedagógicos almejados para a formação psicofísica do ser humano, o que de modo algum é um empreendimento fácil e que dispense a seriedade e a competência requeridas por quem se dedica à docência.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

REFERÊNCIAS

BATISTA, G. A. **O naturalismo e o contratualismo em John Locke e em Jean-Jacques Rousseau: convergências mapeadas pela análise de algumas categorias de seus pensamentos à luz metodológica do materialismo histórico-dialético.** 2008. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2008.

GOLDMANN, L. **Ciências Humanas e Filosofia: “O que é a Sociologia?”** Disponível em: www.culturabrasil.orgzipgoldmann.pdf. Acesso em: 13/09/2007.

LOCKE, J. **Ensaio Sobre O Entendimento Humano.** São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores)

_____. **Some Thoughts Concerning Education.** Disponível em: http://fordham.edu/harsall/mod/1692_lock-education.html. Acessado em: 15/05/2000.

LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

Gustavo Araújo Batista - possui Graduação nas áreas de Letras e de Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Mestrado em Educação pela mesma universidade; fez seu doutoramento também na área da Educação (concentração: História, Filosofia e Educação) pela Universidade Estadual de Campinas. Atua no Ensino Superior, principalmente nos Cursos de Letras (Língua e Literatura) e de Pedagogia (Filosofia e História da Educação) na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FACIHUS), mantida pela Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP), em Monte Carmelo, Minas Gerais.